

Traduzindo Wisława Szymborska: Questões de língua e cultura

Regina Przybycien¹
Universidade Jaguielônica
Polônia

Resumo: Neste ensaio, comento minhas traduções da poeta polonesa Wisława Szymborska apresentando algumas particularidades do funcionamento da língua polonesa e considerações sobre o universo cultural polonês e suas implicações/dificuldades para a tradução para o português. Procuo mostrar que minha tradução resulta de uma negociação entre duas tendências: autonomização do texto traduzido e aproximação do texto fonte.

Palavras-chave: Wisława Szymborska; poesia polonesa; língua polonesa.

Abstract: In this essay I comment my translations of the Polish poet Wisława Szymborska, showing some of the particularities of the Polish language and of the Polish cultural milieu and the implications/difficulties they present for a translation into Portuguese. I attempt to show that my translations result from a negotiation between two tendencies: automatization of the target text and approximation of the source text.

Key-words: Wisława Szymborska; Polish poetry, Polish language

31

*Traduzindo
Wisława
Szymborska:
Questões de
língua e cultura*

Regina
Przybycien

Embora um crítico possa deduzir as teorias de tradução que nortearam um trabalho tradutório, muitas vezes um tradutor não pensa nelas deliberadamente no momento em que traduz um texto, a não ser, talvez, no caso dos tradutores que

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora aposentada pela UFPR e, desde 2009, professora de Literatura Brasileira na Universidade Jaguielônica de Cracóvia. Tradutora de literatura polonesa. Desenvolve pesquisa sobre poetisas mulheres, sobre as quais publicou diversos ensaios em periódicos especializados. Entre suas publicações principais está a coletânea de traduções de Wisława Szymborska intitulada *Poemas* (Cia. das Letras, 2011) a organização da coletânea *Poetas mulheres que pensaram o século XX* (Ed. UFPR, 2008) e a biografia crítica *Feijão preto e diamantes – O Brasil na obra de Elizabeth Bishop* (Ed. UFMG, no prelo). E-mail: reginkabr@hotmail.com

também são teóricos.² Não vou me ocupar das discussões teóricas sobre tradução poética, a não ser para lembrar que há, grosso modo, dois caminhos para o tradutor. Apropriando-me da terminologia utilizada por Paulo Henriques Britto (1999:245) chamarei esses caminhos de “autonomização” e “aproximação”, em que o primeiro termo indica uma preocupação maior com o texto alvo, isto é, com a recriação do poema na língua de chegada, enquanto o segundo termo implica uma tentativa de se aproximar, pela escolha do léxico, extensão do verso, etc., do texto fonte.

Na prática penso que grande parte dos tradutores utiliza ora a autonomização ora a aproximação segundo a necessidade que sente de domesticar algum item linguístico ou cultural muito estranho ou manter o estranhamento, sempre tendo em mente um efeito poético. Quando a língua fonte é bastante distanciada da língua alvo, em termos morfológicos, sintáticos e fonológicos, a negociação entre autonomização e aproximação se torna ainda mais crucial. Um breve resumo do funcionamento da língua polonesa servirá para elucidar algumas das dificuldades da tradução dos poemas de Wisława Szymborska

O polonês, língua da qual traduzo, pertence ao grupo das línguas eslavas ocidentais, que utilizam o alfabeto latino “ligeiramente modificado para dar conta das especificidades de seus sistemas fonológicos”. (Nadalin, 2005:8) Somente o russo, o bielorusso, o ucraniano, o sérvio, o búlgaro e o macedônio utilizam o alfabeto cirílico.

Uma característica comum às línguas eslavas é que elas não possuem artigos (com exceção de algumas formas sufixais no búlgaro) e são altamente flexionadas. O polonês possui sete casos: nominativo, acusativo, genitivo, dativo, vocativo, instrumental e locativo (os dois últimos correspondendo mais ou menos ao caso ablativo do latim). A consequência para a tradução é que o verso nessas línguas forçosamente será mais condensado que nas línguas românicas. Vejamos um exemplo: No poema “Dwie małpy Bruegla” (“Dois macacos de Bruegel”) no primeiro verso da última estrofe se lê: “Małpa wpatrzona we mnie, ironicznie

² É interessante observar que muitos dos melhores tradutores brasileiros escreveram sobre questões teóricas, mas esta não é uma regra geral. Num recente congresso de tradutores de literatura polonesa realizado em Cracóvia, do qual participaram 250 tradutores de todos os continentes, era visível, pelas discussões, que a maioria era constituída de tradutores profissionais, mas que não se dedicam à reflexão teórica.

słucha”(Szymborska, 2011:113). Uma tradução ao pé da letra seria algo como: “Macaco olhado em mim ironicamente ouvi”, uma oração absurda em português. Minha solução foi traduzi-la como: “Um macaco, olhos fixos em mim, ouvi com ironia”, o que implicou um acréscimo de três palavras. Certamente outros tradutores teriam outras soluções para o verso, mas o artigo será sempre necessário em português.

O verso acima citado serve para ilustrar ainda outra questão: a língua polonesa é muito mais precisa do que a portuguesa no que tange aos verbos. Assim, enquanto em português dizemos: “O livro está na mesa”, em polonês é necessário utilizar um verbo específico que indica a posição do livro: “Książka leży na stole” (“O livro está deitado na mesa”). Como no inglês, há verbos que definem cada modo de olhar, enquanto em português forçosamente temos que recorrer a um advérbio ou a uma locução adverbial para expressar a especificidade do olhar: “olhar fixamente”, “olhar atentamente”, “olhar distraidamente”, “olhar de soslaio”, “olhar com raiva”.

A língua polonesa permite formar adjetivos de uma infinidade de substantivos e verbos. No verso acima, o verbo “wpatrzeć” (“olhar atentamente”) foi transformado num adjetivo: “wpatrzona”. Também esta característica tem implicações para a tradução porque em português mais recorrente é o uso de locuções adjetivas ou adverbiais, o que torna o verso mais extenso.

Outra questão complicada é o aspecto verbal. O polonês tem três tempos verbais: passado, presente e futuro e uma forma de expressar o aspecto verbal que é bastante diferente do português. Grosso modo, os verbos formam pares aspectuais: “niedokonany” e “dokonany”. O primeiro se refere a uma ação em curso, ou uma ação na qual não é importante para o falante especificar se a ação está terminada ou não. Tomemos como exemplo o verbo “czytać” (ler). Esta é uma forma não concluída (“niedokonana”) que pode ser utilizada nos três tempos verbais: no passado, “Czytałam książkę” (“Li/ lia um livro”); no presente: “Czytam książkę” (“Estou lendo/leio um livro” e no futuro composto: “Będę czytać książkę” (“Vou ler um livro”). Nessas três circunstâncias, o verbo não indica se a ação foi concluída ou não. Para indicar uma ação concluída, é utilizado outro verbo correspondente a “czytać”: “przeczytać”. Assim, retomando os exemplos acima, vemos que, no

passado, quando digo “Przeczytałam książkę” (“Li o livro”), sinalizo para meu interlocutor que comecei e concluí a ação. No presente, a forma “dokonana” (concluída) tem valor de futuro. “Przeczytam książkę”, embora conjugado no presente, significa: “Vou ler/lerer o livro” – sinalizando que vou ler o livro com toda certeza e até o fim. Na maioria dos verbos a forma “dokonana” (concluída) dos pares aspectuais se dá pela adição de um prefixo, mas não necessariamente. Alguns verbos muito usados têm formas diferentes; por exemplo, “oglądać” (forma “niedokonana”) e “obejrzeć” (forma “dokonana”) do verbo assistir.

A questão aspectual na língua polonesa é extremamente complexa e a explicação acima não passa de uma simplificação brevíssima e um tanto tosca cujo objetivo é dar uma vaga ideia das dificuldades para o tradutor. Vejamos as duas primeiras estrofes de um poema de Wisława Szymborska no qual entra em jogo o aspecto verbal:

W najlepszym razie
będziesz, mój wierszu, uważnie czytany,
komentowany i zapamiętany.

W gorszym przypadku
tylko przeczytany. (Szymborska, 2012:20)³

Na minha tradução:

No melhor dos casos,
meu poema, você será lido atentamente,
comentado e lembrado.

Na pior da hipóteses
apenas lido. (Szymborska, 2013)

Este poema, aparentemente simples, apresenta dificuldades intransponíveis para a tradução porque é construído na oposição aspectual niedonany/dokonany do verbo ler: “czytać/przeczytać, como podemos verificar no destaque em itálico. Na primeira estrofe o eu lírico diz que seu poema será lido atentamente, repetidamente, comentado e lembrado ao longo do tempo. Na segunda estrofe, ele diz que o poema será “apenas lido”, isto é, lido somente uma vez até o fim: uma ação acabada, sem retorno, o que implica que o poema não causou nenhuma impressão no leitor: ele leu

³ Último poema que Wisława Szymborska escreveu antes de morrer. O destaque em itálico é meu.

e acabou-se. Esta distinção fundamental se perde na minha tradução. Se há uma possibilidade de recriação do sentido, eu não consegui encontrá-la, portanto, o verso em português, na minha tradução, sofre dessa imprecisão.

A conjugação verbal polonesa tem ainda outra característica impossível de traduzir: em alguns tempos verbais (no passado, por exemplo) o verbo tem uma forma masculina e outra feminina. Nos exemplos que forneci para ilustrar o funcionamento do aspecto, usei a forma feminina do passado: “czytałam/przeczytałam książkę”. A forma masculina seria “czytał/przeczytał”. Fi-lo automaticamente porque me penso como sujeito feminino.

Como já observou Maria Teresa Fernandes Swiatkiewicz (2000), em muitos poemas de Szymborska, há marcas do gênero feminino na morfologia de adjetivos e verbos e também no nível semântico de modo que o sujeito que fala é inconfundivelmente uma mulher. Como exemplo temos o primeiro verso do poema “Przemówienie w biurze znalezionych rzeczy” – “Discurso na seção de achados e perdidos” (Szymborska, 2011:124) que começa com o verbo no feminino: “Straciłam kilka bogiń w drodze z południa na północ” (“Perdi algumas deusas no caminho do sul ao norte”). Também no poema “Pochwała snów” (“Elogio dos sonhos”), (Szymborska, 2011:125) na penúltima estrofe, o eu lírico declara: “Kilka lat temu/ widziałam dwa słońca” (“Faz alguns anos/ vi dois sóis”). Essas marcas de gênero, importantes porque marcam a identidade do sujeito que fala, perdem-se em português.

A questão fonológica também apresenta um desafio para o tradutor que pretende uma aproximação da língua fonte. O polonês é uma língua com predomínio absoluto de consoantes sobre vogais. Além disso, a representação gráfica de certos sons específicos desta língua é feita com agrupamento de consoantes, como, por exemplo, *przy-* /pʃɨ/; *prze-* /pʃɛ/; *szcz-* /ʃtʃ/, *dzi* /dʒi/ ⁴. Na poesia polonesa, como consequência, a musicalidade é criada principalmente pelo uso de aliterações, enquanto em português costuma haver mais assonâncias.

Sobre os poetas das línguas latinas, Elizabeth Bishop reclamou: “Oh, essas adocicadas línguas latinas com todas essas assonâncias, e como lhes é tentador se

⁴ Uso aqui os símbolos do alfabeto fonético internacional (baseado no inglês).

estender indefinidamente.”⁵ (Bishop, 2012:341). De fato, as assonâncias, inevitáveis nas línguas latinas, dão ao verso uma cadência melódica mais suave, o que pode ser um problema quando o tema é muito duro. Vejamos o poema de Szymborska, intitulado “Jeszcze” (“Ainda”), no qual o tema é o transporte de trem dos judeus para os campos de extermínio. Eis a primeira estrofe:

W zaplombowanych wagonach
 jadą krajem imiona,
 a dokąd tak jechać będą,
 a czy kiedy wysiedą,
 nie pytajcie, nie powiem, nie wiem. (Szymborska, 2010:47)

Na minha tradução:

Em vagões selados
 pelo país os nomes seguem
 mas para onde vão assim,
 será que a viagem terá fim,
 não sei, não direi, não perguntem.⁶

Embora no poema em polonês também haja assonâncias em /a/e /i/, a repetição da consoante fricativa /v/ e a alternância das oclusivas /p/,/b/, /d/, /t/, /b/ causam um efeito muito mais seco do que as aliterações em /s/, junto com as assonâncias em /e/ e /i/ que utilizei em português. Mas essas são características próprias das línguas das quais é difícil fugir.

Ainda em relação aos sons, vale a pena reproduzir um dos poemas mais famosos de Szymborska: “Trzy słowa najdziwniejsze” (“As três palavras mais estranhas”) no qual o jogo sonoro é fundamental e uma enorme dor de cabeça para o tradutor:

Kiedy wymawiam słowo Przyszłość,
 pierwsza sylaba odchodzi już do przeszłości.

Kiedy wymawiam słowo Cisz, a,
 niszcę ją.

Kiedy wymawiam słowo Nic,
 stwarzam coś, co nie mieści się w żadnym niebycie.
 (Szymborska, 2011:165)

⁵ Original em inglês. Minha tradução.

⁶ Poema ainda inédito em português.

Quando pronuncio a palavra Futuro,
a primeira sílaba já se perde no passado.

Quando pronuncio a palavra Silêncio,
suprimo-o.

Quando pronuncio a palavra Nada,
crio algo que não cabe em nenhum não ser.
(Szymborska, 2011:107)

A língua polonesa tem palavras que se diferenciam apenas por um fonema aberto ou fechado. Um desses pares é “przyszłość” e “przeszłość”, “futuro” e “passado” respectivamente. Isso permite um jogo fantástico entre o som e o sentido, que se prolonga por todo o poema. Tentei aproximar a tradução tanto quanto possível do original buscando manter a mesma extensão dos versos e usando aliterações, mas nenhum recurso em português substituirá esse par de palavras antagônicas e complementares: “przyszłość” e “przeszłość”.

Naturalmente, a tradução não se resume às questões linguísticas. Inerente a uma língua há todo um universo cultural, uma visão de mundo contida nas palavras. As chamadas metáforas mortas, que um nativo usa sem ter consciência que são metáforas, revelam muito sobre o modo de pensar de uma cultura. Meus alunos poloneses sempre se surpreendem quando lhes chamo a atenção para o significado dos dois verbos que significam “casar-se” em polonês: “ożenić się”, usado somente para os homens, originalmente significava “adquirir/tomar uma esposa” enquanto “[wyjść za mąż](#)”, usado para as mulheres, significava algo como “ir atrás de um marido”. A distinção permanece na língua, mas ninguém mais pensa no seu significado.

A tradução abrange o universo cultural contido naturalmente na língua, mas no caso da tradução literária, há que se considerar ainda o repertório cultural de que o escritor lança mão para a sua criação: as referências a elementos do patrimônio literário, da cultura popular, do folclore, etc., difíceis de reconhecer quando não se faz parte daquela comunidade. A consulta a nativos é fundamental para reconhecer as referências, mas esse é apenas um primeiro passo. Resta ainda ao tradutor decidir o que fazer com esses elementos que nada significam na língua alvo. É nesta questão que a escolha entre autonomização ou aproximação se torna crucial.

Declaro desde logo que não gosto de traduções poéticas repletas de notas explicativas e posfácios em que o tradutor explica detalhadamente as suas escolhas tradutórias. Esse tipo de publicação serve a um público especializado, geralmente conhecedor da língua fonte, mas afasta o leitor comum apreciador de poesia que simplesmente quer ter uma experiência lúdica de leitura. O especialista acadêmico tende a esquecer o lado lúdico e sobrecarrega o paratexto com informações que só interessam a um pesquisador. No fundo essas edições são uma indicação do que geralmente se pensa sobre a tradução literária: que é sempre uma cópia de segunda mão, moeda falsa, a que *infelizmente* se recorre por não se conseguir ler no original. Não acredito nisso, o que não significa que posso tomar liberdades com o texto e fazer dele o que bem entendo.

As traduções de Szymborska para o inglês feitas por Stanisław Barańczak e Claire Cavanaugh são releituras muito criativas.⁷ Entretanto, alguns críticos apontam, com razão, que Szymborska em inglês às vezes se parece mais com Barańczak do que com Szymborska. Os tradutores anglicizam a poeta, isto é, tomam o sentido do poema e recriam-no na língua inglesa de forma que soe perfeitamente natural, sem levar em conta o tom (Szymborska em inglês tem um tom mais elevado do que em polonês), a extensão do verso ou as idiossincrasias da poeta. Esse é um bom exemplo de autonomização na tradução poética.

Uma característica dessas edições americanas é que normalmente não trazem os poemas na língua fonte, o que considero uma falha. As traduções poéticas (de qualquer língua ou, pelo menos, das línguas cujos alfabetos sejam reconhecíveis) deveriam ser publicadas em edições bilíngues porque, por mais distanciada que sejam as duas línguas, pode-se observar como se distribuem os versos, a sua extensão, a existência ou não de rimas, enfim, é o contato do leitor com o desconhecido que o tradutor torna conhecido.

Nas minhas traduções dos poemas de Szymborska, por vezes optei por transportar para a cultura brasileira uma referência cultural que não faria sentido para o leitor. No poema “Z nieodbytej wyprawy w Himalaje” (“De uma expedição não

⁷ Stanisław Barańczak, poeta polonês muito conhecido e respeitado, vive há décadas nos Estados Unidos e Claire Cavanaugh, americana, é professora de literaturas eslavas na Northwestern University.

realizada ao Himalaia”) (Autora, 2011:3) o eu lírico enumera para o yeti, o abominável homem das neves, as vantagens de se viver entre os humanos. Um dos itens enumerados é um trecho de uma música folclórica conhecida de todos os poloneses: “czerwone jabłuszko przekrojone na krzyż” cuja tradução seria: “maçãzinha vermelha cortada em cruz”. A referência é circunstancial. O entendimento do poema não depende dela, por isso achei que no poema em português funcionaria melhor alguma referência equivalente do nosso repertório das cantigas de roda porque a canção em polonês tem esse elemento pueril das canções infantis. Optei pela cantiga “Rosa amarela” de Villa Lobos. Assim, “a maçãzinha vermelha cortada em cruz” virou “uma rosa amarela, tão formosa, tão bela”. A estrofe ficou assim em português:

Yeti, lá embaixo é quarta-feira
tem alfabeto, pão,
dois e dois são quatro
e a neve derrete.
Tem rosa amarela,
tão formosa, tão bela.

Às vezes uma transposição não é possível ou aconselhável, mas a manutenção da referência original também não funciona poeticamente. Na penúltima estrofe do poema acima citado, o eu lírico alude a um personagem do folclore, o Senhor Twardowski, uma espécie de fausto polonês que vendeu a alma ao diabo, que o sequestrou e levou para a lua onde vive até hoje. Contrastando a vida do yeti nos píncaros do Himalaia com a vida cá em baixo, o eu lírico o chama de “Półtwardowski” – (“Meiotwardowski”) porque ele está tão alto e quase tão inatingível como o Twardowski na lua. Minha solução foi dar ao yeti o adjetivo “meiolunar”. Impossível prever que associações esse adjetivo despertará no leitor brasileiro, mas se a qualificação é estranha em português, meu consolo é que a construção “Półtwardowski” em polonês também é.

Às vezes o tradutor tem de lidar não com as idiosincrasias e recriações do poeta, mas com situações bastante prosaicas como, por exemplo, adaptar ou não uma referência a uma comida típica. Seria absurdo, parece-me, traduzir *bigos* (um cozido típico da cozinha polonesa, feito com chucrute e diversos tipos de carne), por

feijoada, por exemplo. Seria domesticar um dado específico do contexto da cultura estrangeira. Um polonês não come feijoada, até porque nem sabe o que é. Entretanto fiz uma adaptação de certo modo semelhante no poema “Alguns gostam de poesia”:

Niektórzy lubią poezję

Niektórzy –
czyli nie wszyscy.
Nawet nie większość wszystkich ale mniejszość.
Nie licząc szkół, gdzie się musi,
i samych poetów,
będzie tych osób chyba dwie na tysiąc.

Lubią –
ale lubi się także rosół z makaronem
lubi się komplementy i kolor niebieski,
lubi się stary szalik,
lubi się stawiać na swoim,
lubi się głaskać psa. (Szymborska, 2011:154)

Alguns gostam de poesia

Alguns –
ou seja nem todos.
Nem mesmo a maioria de todos, mas a minoria.
Sem contar a escola onde é obrigatório
e os próprios poetas
seriam talvez uns dois em mil.

Gostam –
mas também se gosta de canja de galinha
gosta-se de galanteios e da cor azul,
gosta-se de um xale velho,
gosta-se de fazer o que se tem vontade
gosta-se de afagar um cão. (Szymborska, 2011:91)

40

*Traduzindo
Wisława
Szymborska:
Questões de
língua e cultura*

Regina
Przybycien

Aqui o item da culinária polonesa é “rosół z makaronem” (segundo verso da segunda estrofe), a denominação de uma espécie de sopa rala feita com caldo de galinha a que se acrescenta macarrão depois de pronto. Traduzi-lo literalmente como “caldo com macarrão” pareceu-me pouco poético e impreciso, pois na culinária polonesa é o nome de um prato específico. O dado cultural é que esse prato é comum, coisa do dia-a-dia, sem sofisticação. Pareceu-me que “canja de galinha” é um equivalente apropriado, por ser bastante parecido em termos culinários e culturais.

No mesmo poema realizo uma adaptação mais radical. Vejamos a última estrofe:

Poezję –
tylko co to takiego poezja.
Niejedna chwiejna odpowiedź
na to pytanie już padła.
A ja nie wiem i nie wiem i trzymam się tego
jak zbawiennej poręczy.

De poesia –
mas o que é isso, poesia.
Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.
Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso
como a uma tábua de salvação.

Enquanto nas duas estrofes anteriores o eu lírico faz pouco da poesia, despindo-a da aura do sublime, os dois últimos versos do poema são uma afirmação da necessidade vital do poético na vida, mesmo que não se saiba exatamente o que ele é. A versão em polonês seria algo como: “Pois eu não sei e não sei e me seguro (amparo) nisso/ como a um corrimão salutar, (salvador)”. A imagem da poesia como um corrimão que serve para manter-nos firme, para não cairmos, é bonita e em polonês soa poética. O problema é que “corrimão salvador” é pouco poético em português. Depois de inúmeras tentativas canhestras, optei por colocar a expressão “tábua de salvação” que embora soe mais dramática do que a imagem utilizada por Szymborska, remete à ideia da necessidade vital da poesia.

Todas essas considerações e exemplos têm o propósito de indicar algumas das escolhas e dificuldades do tradutor. Como não sou uma tradutora profissional, minhas traduções são primordialmente exercícios de leitura de poetas cujas obras me proporcionaram grande satisfação emocional e intelectual e que me motivaram a querer compartilhar a experiência com leitores que não dominam a língua polonesa.

Referências bibliográficas:

BRITTO, P.H. Tradução e criação. *Cadernos de tradução*. Florianópolis, v.1, n.4, 1999, p.239-262. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5535/4993>. Acesso em: 4.07.2013.

NADALIN, E. *Aktionsart e aspecto verbal*- Uma análise dessa distinção no polonês. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005. Disponível em:

<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/2779/Disserata%C3%A7%C3%A3o%20para%20Biblioteca.pdf?sequence=1> Acesso em: 4.07.2013.

AUTORA. Poesia e mundo: Traduzindo “De uma expedição não realizada ao Himalaia” de Wisława Szymborska. *Tradução em Revista*, n.10, Rio de Janeiro, 2011/1. Disponível em: www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/.... Acesso em: 5.07.2013.

SZYMBORSKA, W. *Wiersze wybrane*. Kraków: Wydawnictwo a5, 2010.

_____. *Poemas*. Tradução da autora. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. *Wystarczy*. Kraków: Wydawnictwo a5, 2012.

_____. Mapa e outros três poemas. Tradução da autora. Ilustríssima. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27.01.2013.

TRAVISANO, T., HAMILTON, S. (eds.). *Words in air*. The complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2010.

Recebido em 10 de outubro de 2013.

Aprovado em 02 de dezembro de 2013.